A confissão de Lucio,: Narrativa.

Mário de Sá-Carneiro

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A confissão de Lucio,: Narrativa.

Mário de Sá-Carneiro

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

MARIO DE SA-CARNEIRO

A Confissão de Lucio

NARRATIVA

1914

Em casa do autor

1, Travessa do Carmo

Lisboa

INDICE

Capitulo I
Capitulo II
Capitulo III
Capitulo IV
Capitulo V
Capitulo VI
Capitulo VII
Capitulo VIII

A _Antonio Ponce de Leão_

... _assim eramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era êle-proprio, se o incerto outro viveria_...

FERNANDO PESSOA _Na floresta do alheamento_

_Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, emtanto, nunca me defendi; morto para a vida e para os sonhos;

nada podendo já esperar e coisa alguma desejando--eu venho fazer emfim a minha confissão: isto é: demonstrar a minha inocência._

Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro, é nulo. Não tenho familia; não preciso que me reabilitem. Mesmo, quem esteve dez ânos preso, nunca se reabilita. A verdade simples, é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: «--Mas porque não fez a sua confissão quando era tempo? porque não demonstrou a sua inocencia ao tribunal?»--a esses responderei:--A minha defesa era impossivel. Ninguem me acreditaria. E fôra inutil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro--um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ansia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rapido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um «crime passional». Cherchez la femme. _Depois, a vitima um poeta--um artista. A mulher romantisara-se desaparecendo. Eu era um heroi, no fim de contas. E um heroi com seus laivos de misterio, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o juri concedeu-me circunstancias atenuantes. E a minha pena

foi curta._

Ah! foi bem curta--sobretudo para mim... Esses dez ânos esvoaram-se-me como dez meses. E que, em realidade, as horas não podem mais ter acção sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento maximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações maximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, _ou--apenas--os_ desencantados _que, muita vez, acabam no suicidio._

Contudo, ignoro se é felicidade maior não se existir tamanho instante. Os que o não vivem, têem a paz--pode ser. Entretanto não sei. E a verdade é que todos esperam esse momento luminoso. Logo, todos são infelizes. Eis pelo que, apesar de tudo, eu me orgulho de o ter vivido.

Mas punhamos termo aos devaneios. Não estou escrevendo uma novela. Apenas desejo fazer uma exposição clara de factos. E para a clareza, vou-me lançando em mau caminho--parece-me. Aliás, por muito lucido que queira ser, a minha confissão resultará--estou certo--a mais incoerente, a mais perturbadora, a menos lucida.

Uma coisa garanto porem: Durante ela não deixarei escapar um pormenor, por minimo que seja, ou aparentemente incaracteristico. Em casos como o que tento explanar, a luz só pode nascer duma grande soma de factos. E são apenas factos que eu relatarei. Desses factos, quem quiser, tire as conclusões. Por mim, declaro que nunca o experimentei. Endoideceria, seguramente.

_Mas o que ainda uma vez, sob minha palavra de honra, afirmo é que

só digo a verdade. Não me importa que me acreditem, mas só digo a verdade_--mesmo quando ela é inverosimil.

A minha confissão é um mero documento.

I

Por 1895, não sei bem como, achei-me estudando direito na Faculdade de Paris, ou melhor, não estudando. Vagabundo da minha mocidade, após ter tentado varios _fins_ para a minha vida e de todos igualmente desistido--sedento de Europa, resolvera transportar-me á grande capital. Logo me embrenhei por meios mais ou menos artisticos, e Gervasio Vila-Nova, que eu mal conhecia de Lisboa, volveu-se-me o companheiro de todas as horas. Curiosa personalidade essa de grande artista falido, ou antes, predestinado para a falencia.

Perturbava o seu aspecto fisico, macerado e esguio, e o seu corpo de linhas quebradas tinha estilisações inquietantes de feminilismo histerico e opiado, umas vezes--outras, contrariamente, de ascetismo amarelo. Os cabelos compridos, se lhe descobriam a testa ampla e dura, terrivel, evocavam cilicios, abstenções rôxas; se lhe escondiam a fronte, ondeadamente, eram só ternura, perturbadora ternura de espasmos dourados e beijos subtis. Trajava sempre de preto, fatos largos, onde havia o seu quê de sacerdotal--nota mais frisantemente dada pelo colarinho direito, baixo, fechado. Não era enigmatico o seu rosto--muito pelo contrario, se lhe cobriam a testa os cabelos ou o chapeu. Emtanto, coisa bizarra, no seu corpo havia misterio--corpo de esfinge, talvez, em noites de luar. Aquela criatura não se nos gravava na memoria pelos seus traços fisionomicos, mas sim pelo seu

estranho perfil. Em todas as multidões êle se destacava, era olhado, comentado--embora, em realidade, a sua silhueta á primeira vista parecesse não se dever salientar notavelmente: pois o fato era negro--apenas dum talhe um pouco exagerado--os cabelos não escandalosos, ainda que longos; e o chapeu, um _bonet_ de fazenda--exquisito, era certo--mas que em todo o caso muitos artistas usavam, quasi identico.

Porêm, a verdade é que em redor da sua figura havia uma aureola. Gervasio Vila-Nova era aquele que nós olhamos na rua dizendo: ali, deve ir _alguem_.

Todo êle encantava as mulheres. Tanta rapariguinha que o seguia de olhos fascinados quando o artista, sobranceiro e esguio, investigava os cafés... Mas esse olhar, no fundo, era mais o que as mulheres lançam a uma criatura do seu sexo, formosissima e luxuosa, cheia de pedrarias...

--Sabe, meu caro Lucio--dissera-me o escultor muita vez--não sou eu nunca que possuo as minhas amantes; elas é que me possuem...

Ao falar-nos, brilhava ainda mais a sua chama. Era um conversador admiravel, adoravel nos seus erros, nas suas ignorancias, que sabia defender intensamente, sempre vitorioso; nas suas opiniões revoltantes e belissimas, nos seus paradoxos, nas suas blagues. Uma criatura superior--ah! sem duvida. Uma destas criaturas que se nos enclavinham na memoria--e nos perturbam, nos obcecam. Todo fôgo! todo fôgo!

Entretanto, se o examinavamos com a nossa inteligencia, e não apenas com a nossa vibratilidade, logo viamos que, infelizmente, tudo se cifrava nessa aureola, que o seu genio--talvez por demasiado

luminoso--se consumiria a si proprio, incapaz de se condensar numa obra--disperso, quebrado, ardido. E assim aconteceu, com efeito. Não foi um falhado porque teve a coragem de se despedaçar.

A uma criatura como aquela não se podia ter afecto, embora no fundo êle fosse um excelente rapaz; mas ainda hoje evoco com saudade as nossas palestras, as nossas noites de café--e chego a convencer-me que, sim, realmente, o destino de Gervasio Vila-Nova foi o mais belo; e êle um grande, um genial artista.

Tinha muitas relações no meio artistico o meu amigo. Literatos, pintores, musicos, de todos os países. Uma manhã, entrando no meu quarto, desfechou-me:

--Sabe, meu caro Lucio, apresentaram-me ontem uma americana muito interessante. Calcule, é uma mulher riquissima que vive num palacio que propositadamente fez construir no local onde existiam dois grandes predios que ela mandou deitar abaixo--isto, imagine você, em plena Avenida do Bosque de Bolonha! Uma mulher linda. Nem calcula. Quem ma apresentou foi aquele pintor americano dos oculos asuis. Recorda-se? Eu não sei como êle se chama... Podemo-la encontrar todas as tardes no Pavilhão de Armenonville. Costuma ir lá tomar chá. Quero que você a conheça. Vai ver. Interessantissima!

No dia seguinte--uma esplendida tarde de inverno, tépida, cheia de sol e céu asul--tomando um fiacre, lá nos dirigimos ao grande restaurante. Sentámo-nos; mandou-se vir chá... Dez minutos não tinham decorrido, quando Gervasio me tocava no braço. Um grupo de oito pessoas entrava no salão--três mulheres, cinco homens. Das mulheres, duas eram loiras, pequeninas, de péle de rosas e leite; de corpos harmoniosos, sensuais--identicas a tantas inglesas adoraveis.

Mas a outra, em verdade, era qualquer coisa de sonhadamente, de misteriosamente belo. Uma criatura alta, magra, dum rosto esguio de pele dourada--e uns cabelos fantasticos, dum ruivo incendiado, alucinante. A sua formosura era uma destas belezas que inspiram receio. Com efeito, mal a vi, a minha impressão foi de medo--dum medo semelhante ao que experimentamos em face do rosto dalguem que praticou uma acção enorme e monstruosa.

Ela sentou-se em ruido; mas logo, vendo-nos, correu estendendo as mãos para o escultor:

--Meu caro, muito prazer em o encontrar... Falaram-me ontem muito bem de si... Um seu compatriota ... um poeta ... M. de Loureiro, julgo...

Foi dificil adivinhar o apelido português entre a pronuncia mesclada.

--Ah... Não o sabia em Paris--murmurou Gervasio.

E para mim, depois de me haver apresentado á estrangeira:

--Você conhece? Ricardo de Loureiro, o poeta das _Brasas_...

Que nunca lhe falara, que apenas o conhecia de vista e, sobretudo, que admirava intensamente a sua obra.

--Sim ... não discuto isso ... você bem vê, para mim já essa arte passou. Não me pode interessar... Leia-me os _selvagens_, homem, que diacho!...

Era uma das _scies_ de Gervasio Vila-Nova: Elogiar uma pseudo-escola literaria da ultima-hora--o _Selvagismo_, cuja novidade residia em os seus livros serem impressos sobre diversos papeis e com tintas de varias côres, numa estrambotica disposição

tipografica. Tambem--e eis o que mais entusiasmava o meu amigo--os poetas e prosadores _selvagens_, abolindo a ideia, «esse escarro», traduziam as suas emoções unicamente em jogo silabico, por onomatopeias raspadas, bizarras: criando mesmo novas palavras que coisa alguma significavam e cuja beleza, segundo êles, residia justamente em não significarem coisa alguma... De resto, até aí, parece que apenas se publicara um livro dessa escola. Certo poeta russo de nome arrevesado. Livro que Gervasio seguramente não lera, mas que todavia se não cansava de exalçar, gritando-o assombroso, genial...

A mulher estranha chamou-nos para a sua mesa, e apresentou-nos os seus companheiros que ainda não conheciamos: o jornalista Jean Lamy, do _Figaro_, o pintor holandês van Derk e o escultor inglês Tomás Westwood. Os dois outros eram o pintor americano dos oculos asuis e o inquietante viscondezinho de Naudières, louro, diafano, maquilado.

Quanto ás duas raparigas, limitou-se apontando-nos:

--Jenny e Dora.

A conversa logo se entabolou ultra-civilisada e banal. Falou-se de modas, discutiu-se teatro e music-hall, com muita arte á mistura. E quem mais se distinguiu, quem em verdade até exclusivamente falou, foi Gervasio. Nós limitavamo-nos--como acontecia com todos, perante êle, perante a sua intensidade--a ouvir, ou, quando muito, a protestar. Isto é: a dar ensejo para que êle brilhasse...

--Sabe, meu querido Lucio--uma vez contara-me o escultor--o Fonseca diz que é um oficio acompanhar-me. E uma arte dificil, fatigante. É que eu falo sempre; não deixo o meu interculotor

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com